

HERVIEU-LÉGER, Danièle, *O peregrino e o convertido: A religião em movimento*. Petrópolis, Vozes, 2008, 238 p.

Esta obra de Danièle Hervieu-Léger é na realidade uma coletânea de reflexões que têm como pano de fundo as práticas religiosas européias das últimas décadas. O livro traz em seu início uma apresentação de Fanstino Teixeira que configura-se como um excelente resumo. O fio condutor da obra, de viés sociológico, é de um certo modo o paradoxo experimentado entre certos estudiosos, da previsão do fim da religião e ao mesmo tempo, a seu contínuo renovar-se.

A autora busca compreender esta situação, especialmente no âmbito da França, utilizando-se de algumas chaves de leitura. Uma primeira constatação é que a religião – talvez melhor, religiosidade – encontra-se como que despedaçada, isto é, não é mais percebida como um todo integrado da rede da cultura circunstante; caminha-se para uma religiosidade ao modo de *carrinho de supermercado*, isto é, compra-se o que está à venda. Dentro desta mesma linha, as religiões que se *tradiconavam* via herança cultural estão em cheque uma vez que não têm mais as redes de manutenção e imposição de seus referenciais religiosos; dar-se-ia assim a chance do surgimento da modalidade religiosa do *peregrino*.

No terceiro capítulo Hervieu-Léger, dentro de uma já longa tradição de *binários explicativos*, comuns na sociologia e psicologia da religião, ela apresenta um esquema em que contrapõe a figura do *praticante* e do *peregrino*. Para o praticante as práticas religiosas seriam obrigatórias, institucionais, fixas, comunitárias e relacionadas a espaços e tempos definidos; já para o peregrino, as práticas seriam voluntárias, autônomas, variáveis, personalizadas e flexíveis no que diz respeito aos espaços e tempos. Um aspecto religioso que caminha junto com estes modelos, é a conversão que Hervieu-Léger caracteriza de três modos diversos: mudança de religião, integração numa tradição e a volta à tradição religiosa. Não escapa à autora uma certa ambigüidade nesta atitude: de um lado, a constituição pessoal

do trajeto religioso e de outro a submissão a um processo institucionalizador.

Buscando lidar exatamente com a dimensão social ou comunitária e individual das práticas religiosas na França laica, Hervieu-Léger retoma um conceito de Champion, isto é, a *nebulosa místico-esotérica* em que a religiosidade se centraria na realização do indivíduo por si mesmo. É claro que mais cedo ou mais tarde, alguém pode perguntar pela validade das práticas, isto é, quem garante o que é proposto? É então, que estas práticas dispersas ou espontâneas vão requerer regimes, instâncias e critérios de validação. Como se procederá? É então que a autora lida com o tema mais candente desta temática no âmbito da sociologia da religião: o poder religioso. Com um possível fim da institucionalização religiosa e com a presença da pluralidade religiosa – e todos buscando ser *verdadeiros* – a quem cabe *verificar*? A força, o argumento lógico, a sobrevida? Seria então o tempo do diálogo, mas em que termos?

Eis pois um livro, que na esteira de outros mais, tanto da autora como de outros estudiosos da fenomenologia religiosa européia, de algum modo antecipam alguns fenômenos e desafios que já começam a ocorrer entre nós. Leitura, portanto, importante além de agradável.

José Luiz Cazarotto

MUYARD, Jean-Pierre, *Pourquoi tombons-nous malades? Pour une médecine de la personne*. Paris, Fayard, 2009, 389 p.

A questão central do livro certamente é a que é feita pelo que, por algum motivo, está adoentado e lidando com as dores, os sofrimentos e as suas angústias. O médico psiquiatra, Jean Pierre Muyard, que é um estudioso das relações entre o cérebro, o corpo e as dimensões inconscientes do ser humano, ao longo da obra busca compreender as dimensões patológicas do ser humano, não só em vista de sua corporeidade mas também levando em conta as emoções e as dimensões espirituais. A partir de seus estudos sobre o autismo e das relações entre a medicina tradicional e a contemporânea, o autor leva o seu leitor, através de uma leitura agradável, a uma série de questões muito esclarecedoras sobre o mundo da patologia e dos adoecidos.

Um olhar novo sobre o doente – e não tanto sobre a doença – é necessário uma vez que muitas patologias não são compreensíveis se não no contexto da relação dinâmica entre o organismo e o meio social em que ele vive: as doenças são um espelho da sociedade. Por outro lado, a cura não é uma batalha contra a doença ou contra a morte, mas um *acompanhar as transformações do corpo em busca de um equilíbrio, na criação de condições de uma outra existência e até mesmo na invenção de um outro modo de ser no mundo e com os demais.*

A obra está dividida em três partes com diversos capítulos. Na primeira parte, em linhas gerais, o autor se coloca no lugar do adoecido que se questiona sobre a irrupção da doença (adoeço, que está acontecendo comigo e como *acolhem* minha doença). Na segunda parte, que compõe quase dois terços do livro, a questão é: de onde vêm as doenças? Graças à sua formação psicanalítica e da história da medicina, o autor lida não só com dimensões sociais e orgânicas, mas com dimensões *ocultas* e suas vicissitudes e as dimensões culturais: a história de cada um, seus segredos, sua genética e assim por diante. Na relação dinâmica com o meio ele levanta questões quanto às causas da tuberculose, das patologias cárdio-vasculares, do câncer, da depressão e do autismo. Chama especial atenção para os casos de reversão natural de certas patologias, como o próprio câncer, não devido a medicamentos, mas à mudanças de estilo da vida e de seus objetivos.

A terceira parte, Muyard adentra um campo ao qual podemos chamar de âmbito do cuidado; tanto dos demais quanto de si mesmo. Lida com uma visão à qual podemos chamar de *sapiencial*. Lança mão de conceitos da psicanálise, de alguns filósofos, da neurofisiologia para compreender que *somos depositários da Vida* e na patologia ela corre risco. No final, num texto que traz em si um misto de sabedoria e espiritualidade, o autor afirma que nestes momentos críticos voltamos às questões inocentes – e nem tão inocentes assim – dos nossos setes anos: Por que o sol brilha? Por que a água do mar é salgada? Por que o gato morreu? Por que tenho cinco dedos? De onde venho? Para onde vou? Quem sou? Estas questões, reconhece ele, levam os adultos a irem embora, ou a nos mandarem embora. Mas, em resumo, elas não são outra coisa que a busca de nosso *centro*, de nossa *razão*. Na essência do cuidado com o adoentado ou no modo como este se vê, em resumo, estão dois termos centrais à antropologia cristã: a Palavra e o Amor. Certamente, nestes casos,

mais que rotular alguém com uma patologia, emudecendo a sua *palavra*, é mais importante devolver-lhe a palavra para que fale das mudanças e andanças por que passa. E, por fim, o que nos atrai no que sofre nem é tanto a dor, mas a nossa semelhança nele: a sua *dor-risco* sintoniza com a nossa dor-risco de viver. E nisto está o Amor quase que cósmico, segundo Muyard: *Podemos ainda falar em cura? Trata-se antes de uma mutação alquímica, de uma iniciação numa outra vida, que passa por um ato de reconhecimento do que sou, de reconciliação das diversas partes de mim mesmo, da transformação da distribuição da energia vital, um signo de que a atração universal em mim encontraram um outro equilíbrio... É isto, a magia do Amor* (p. 376).

Eis, pois, um livro da maturidade da vida de um estudioso. Vale a pena a sua leitura uma vez que remete mais à sabedoria que ao simples conhecimento.

José Luiz Cazarotto

RÖMER, Thomas, *A chamada história deuteronomista: Introdução sociológica, histórica e literária*. Petrópolis, Vozes, 2008, 208 p.

O estudo da História deuteronomista (HD) ganhou relevância nas últimas décadas, principalmente em função da chamada crise das fontes literárias. Na América Latina e, particularmente, no Brasil, infelizmente, os resultados desses estudos não têm chegado a todos os estudiosos da área. Isso faz com que boa parte dos nossos biblistas esteja trinta anos atrasados, presos a pressupostos das décadas de 1950 e 1960. Ainda é comum ver quem entenda o Pentateuco e parte dos escritos, como oriundos da corte de Davi e Salomão ou até anteriores, e como sendo autênticos relatos históricos. Thomas Römer nos ajuda a sair desse atraso. Não que a sua obra apresente muitas novidades, porém, Römer resume com bastante destreza boa parte da pesquisa que se encontra já na praça.

Fundamentado particularmente no livro do Dt, do qual demonstra ter mais conhecimento, o autor faz primeiro um

apanhado histórico da pesquisa da HD e depois apresenta sua evolução em três momentos: começando no período assírio, passando pelo babilônico e concluindo no período persa.

Apresentaremos a seguir algumas afirmações do autor como *aperitivos* para o leitor e a leitora: Como já mostraram as descobertas arqueológicas de Finkelstein, Silberman e outros *não existem provas ou indícios extrabíblicos contemporâneos de um império davídico e salomônico unido e vasto, e Jerusalém nesse tempo não passava de uma modesta aldeia de montanha. A busca do Davi ou Salomão históricos é tão difícil quanto a busca do Rei Artur (p.96)... Embora existam ainda algumas tentativas de reconstruir a história de Salomão datando-a no século X e refletindo sobre um rei supostamente histórico, esta abordagem deve ser abandonada definitivamente. Está bem claro que a idéia de um império salomônico é pura ficção e que 1Rs 3-11 projeta realidades do império neo-assírio a fim de construir um passado glorioso para Israel (p.102).*

Sabe-se que Jerusalém começou a crescer com queda da Samaria, capital de Israel, invadida pelos assírios em 722 a.C. e incorporada, juntamente com os Estados arameus, ao império assírio (p.52). Israel tinha uma estrutura política e econômica muito mais desenvolvida que Judá, e por isso muito mais atraente aos interesses assírios. Existe quase um consenso de que Judá não se tornou um Estado monárquico desenvolvido antes do Século VIII a.C. Conforme já demonstraram os arqueólogos Finkelstein e Silberman, o fim de Israel causou grandes mudanças demográficas e sociais em Judá. De uma modesta cidade na montanha, de dez a doze acres, se transformou em uma gigantesca área urbana de 150 acres. A população deve ter aumentado até quinze vezes, passando, de aproximadamente mil a quinze mil habitantes (p. 74).

Portanto, com a queda da Samaria, Jerusalém ganha importância, isso desperta a sede de poder dos seus reis. Assim, o período neo-assírio (VII a.C.) deve ser o ponto de partida da produção literária deuteronomista. Uma primeira versão Samuel-Reis deve ter sido composta para reforçar a legitimidade de Josias como o verdadeiro sucessor de Davi. E, Dt-Josué, para apoiar a política de Josias de conquista da terra,

expansão do seu domínio a partir de Jerusalém, em nome de Javé (p. 50). Essa teoria é fundamentada na semelhança indiscutível do livro do Deuterônômio com os tratados de vassalagem assíria (p. 79).

Enfim, a história deuteronomista nasce no período do rei Josias (640-609 a.C.) que buscava a independência de Judá e por isso manda escrever uma história nacional baseada nos tratados assírios, tratados esses que os escribas josiânicos tinham fácil acesso. Portanto, a preocupação da corte de Josias não era uma composição histórica, mas uma propaganda da realeza.

José Ademar Kaefer

STROCCHI, M. C. Psicologia da comunicação. Manual para o estudo da linguagem publicitária e das técnicas de venda. São Paulo, Paulus, 2007, 182 p.

Como a própria autora acena, o livro em questão busca ser um manual, isto é, além da temática abordada ele traz uma organização do material apresentado na forma de estudos com questões e sínteses. Por outro lado, está ricamente ilustrado com gráficos e fotos que ajudam na compreensão dos assuntos desenvolvidos. Fundamentalmente é um livro introdutório ao assunto e que pode ser usado com vantagens no ensino fundamental e médio.

Como o próprio título acena, a temática central é a perspectiva da psicologia no âmbito da comunicação. Em vista disto temas tais como a percepção, memória, aprendizagem, inteligência, motivação e emoção são apresentados para serem elementos de referência para se compreender dimensões como a personalidade e fenômenos mais complexos como a liderança, comunicação de massa etc. Ao todo, enfim, são 14 módulos, ou capítulos que abarcam um campo, em princípio imenso, mas que vem apresentado de como claro, simples e didático.

A história do livro – ou da coleção do material – ajuda a compreender alguns limites. Trata-se de um grupo de estudantes que juntamente com uma professora que elabora o material. De um modo geral, no que diz respeito à psicologia, não se usa fontes primeiras, isto é, tem-se em mente Jung e Piaget, por exemplo, mas não se usa a sua literatura diretamente. Outro aspecto que resultaria positivo, seria padronizar a bibliografia, com os nomes das cidades das publicações. Não seria de muita utilidade, já que estamos lidando com um manual, acrescentar um adendo com algo da literatura brasileira sobre o assunto? Em resumo, um livro com pretensões modestas, mas útil naquilo que se propõe, isto é, ser um manual introdutório a um assunto que certamente é bem mais complexo do que aparenta.

José Luiz Cazarotto

GOTO, T. A. Introdução à psicologia fenomenológica: A nova psicologia de Edmund Husserl. São Paulo, Paulus, 2008, 254 p.

Sintetizar ou percorrer a obra de um autor amplo e denso como Husserl é um grande desafio e até mesmo um risco. Entretanto, eis aqui um trabalho que merece mesmo o nome de Introdução, uma vez que apresenta a obra do autor e especialmente, aquilo que mais se refere ao tema da fenomenologia. Digamos logo de início que a obra de Goto não é algo fácil de se sintetizar dada a sua densidade e amplitude ao mesmo tempo.

Goto mesmo sintetiza a sua empresa: uma análise crítica da idéia de psicologia fenomenológica, na qual buscamos reconstruir o percurso que Husserl seguiu para fundar esta nova psicologia (27). Em vista disto, o autor sistematiza a obra em três partes mais descritivas e uma mais conclusiva ou de levantamento de conseqüências para uma psicologia adequada ao seu objeto.

A fenomenologia transcendental de Edmund Husserl apresenta Husserl e o seu percurso em busca de conceitos e mé-

todos para uma ciência fenomenológica da psicologia. Num segundo capítulo, isto é, em *A crise das ciências e a psicologia: A retomada do sentido da existência e da humanidade pela fenomenologia transcendental*, Goto com Husserl levanta a questão central da ciência – especialmente no que diz respeito ao conhecimento do ser humano – que é a questão do respeito pela natureza mesma do objeto. Neste sentido, as ciências entram em crise não porque lhes falem objeto, mas pelo limites de seus métodos que desfiguram o objeto. Numa terceira parte, e aqui tendo em mente o essencial na psicologia husserliana, Goto elabora *As duas vias ou caminhos à subjetividade: a psicológica e a fenomenológica*.

É, em resumo, uma obra bem escrita e didática em sua elaboração, de leitura agradável e que traz também excelentes intuições. No geral, e por lidar de preferência com a obra do próprio Husserl, manifesta solidez. Algumas pontes com o existencialismo – e aqui nota-se a ausência, especialmente, de Sartre – poderiam ter sido ainda levantadas, mas, é claro, um dia a obra deveria encontrar as suas últimas páginas. Mas a idéia não está de todo ausente: o sujeito psicológico não poderia constituir a si-mesmo a partir das próprias vivências e menos ainda constituir as estruturas vivenciais a partir do que é vivido, ainda que este seja o objeto de uma psicologia fenomenológica. Ao contrário, o sujeito psicológico tem como pressuposto um a priori universal, um sujeito transcendental (236). Goto, por fim, lança então o grande desafio que é a colaboração da filosofia e da psicologia ainda que o sentido da investigação psicológica seja radicalmente distinto da fenomenologia transcendental, pois a psicologia fenomenológica visa ao sujeito psicológico, enquanto a fenomenologia transcendental visa ao sujeito transcendental.

José Luiz Cazarotto